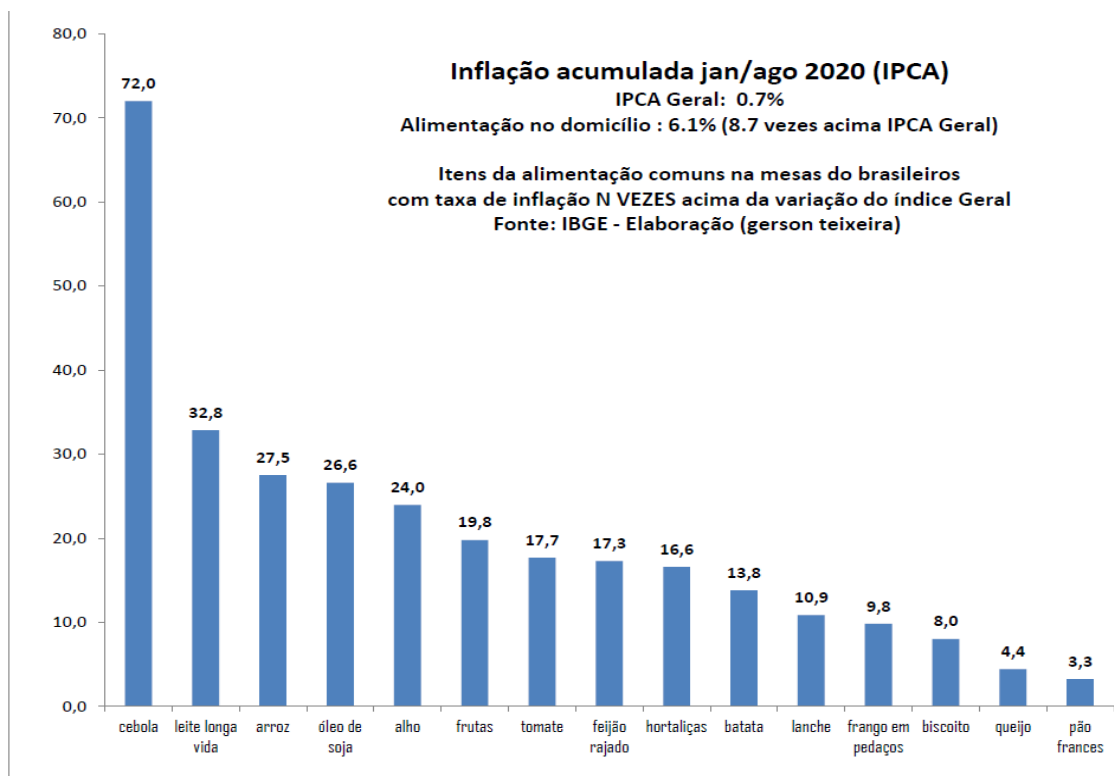


A Atual Carestia dos Alimentos

Gerson Teixeira
Brasília, 10/09/2020

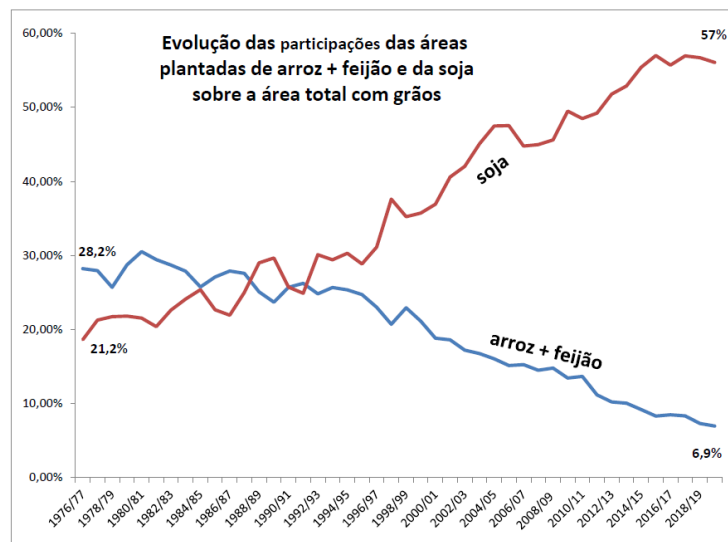
Em primeiro lugar, vejamos a figura abaixo que apresenta o número de vezes, para maior, da variação dos preços dos alimentos selecionados, em relação à variação acumulada do IPCA no período de janeiro a agosto.



Fonte: IBGE – Elaboração própria

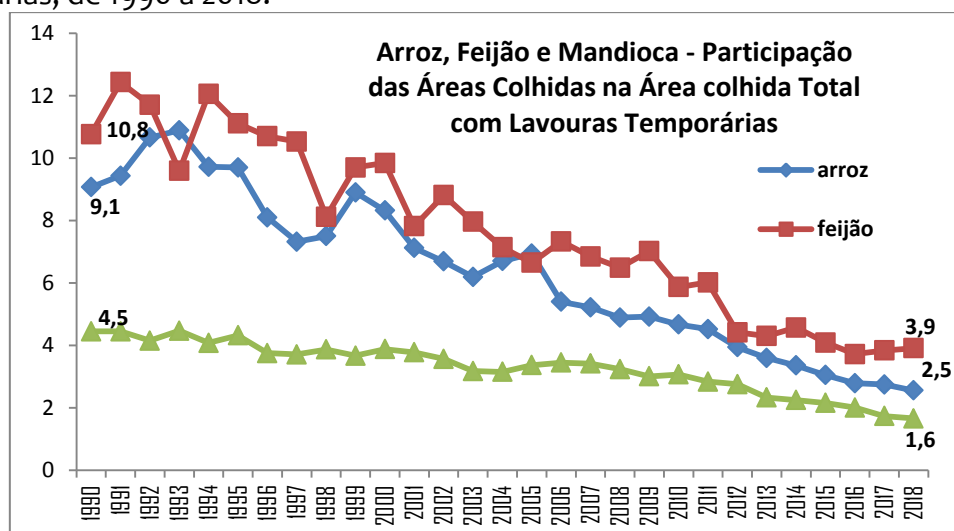
Temos alertado que do ponto de vista do abastecimento alimentar, de forma inacreditável o Brasil ('Fazendão do Mundo, ou da China') não suportaria, sem crise, um incremento na renda pelas camadas mais pobres da população dada as insuficiências da oferta interna. Claro que com o incremento de renda, essas faixas da população tenderiam a despendê-lo, preponderantemente em comida. Foi o que ocorreu com os desdobramentos do auxílio emergencial. O impacto imediato foi a pressão de demanda alimentar num contexto de ampla fragilização do quadro da oferta desses produtos no Brasil.

Há muitos anos o país enfrenta trajetória de erosão da base produtora de alimentos básicos que vem sendo tragada pelas commodities para exportações. A figura abaixo compara soja com arroz e feijão, juntos, em termos da evolução das respectivas participações das áreas plantadas na área total com grãos:



Fonte: CONAB – Elaboração própria

Confirmando as tendências cima, a figura abaixo apresenta a evolução das participações das áreas colhidas de arroz, feijão e mandioca sobre a área colhida total com lavouras temporárias, de 1990 a 2018:



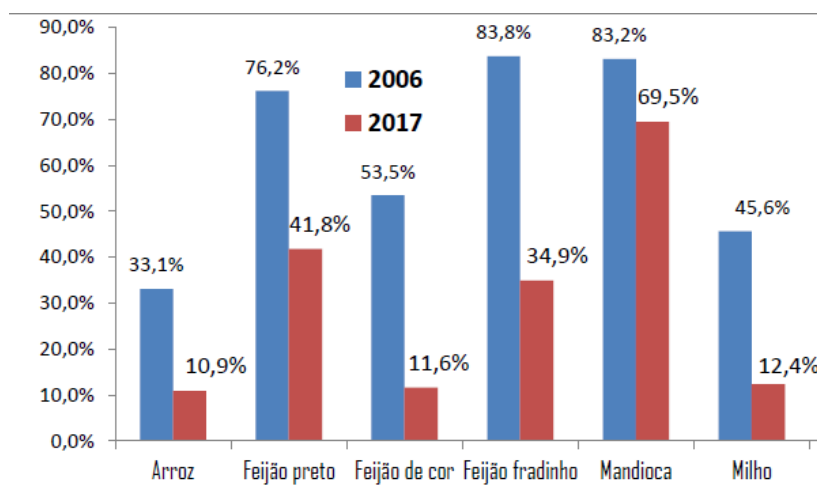
Fonte: IBGE – Elaboração própria

De toda a área plantada com soja no Brasil que já corresponde a 57% da área total plantada com grãos, 80% estão sendo utilizadas para produzir para o mercado externo. São 30 milhões de hectares com essa destinação.

Soja e milho, que de forma direta ou indireta, são destinados majoritariamente para exportações, respondem por 90% da produção nacional de grãos. Portanto, os capitais do agronegócio exportador estão se lixando para a população brasileira.

Até o golpe de 2016, os nossos governos vinham mitigando essa situação de dano potencial estrutural com mediações via medidas protetivas da agricultura familiar, assentados, quilombolas, indígenas, etc, que em grande parte se dedicam à produção dos alimentos comuns da mesa dos brasileiros. Mesmo assim, dada a migração de centenas de milhares de agricultores familiares para a produção das commodities do agronegócio (induzida pelo PRONAF) de 2006 para 2017 ocorreu a redução da participação da agricultura familiar na produção de comida. Vejam a figura abaixo

comparando a participação da agricultura familiar na produção de alguns alimentos essenciais:



Fonte: IBGE (CAS 2006 e 2017) – Elaboração própria

Após o golpe, teve início o definhamento das medidas de proteção à agricultura familiar. Com Bolsonaro, não apenas foram reduzidas as políticas de mediação, mas esses setores passaram a ser tratados como inimigos. Foi extinto o 'Plano Safra' da Agricultura Familiar; não há mais reforma agrária, o que foi sacramentado com a PLOA 2021 para o Incra que será reduzido ao pagamento de precatórios para latifundiários; houve o veto integral à Lei Assis Carvalho; o PAA que já teve orçamento de R\$ 1.2 bilhão, terá 100 milhões em 2021 (PLOA). Em resumo, os segmentos que mais produzem comida têm sido alvo dos ataques ideológicos de Bolsonaro e da sua Ministra. A propósito, a Ministra se jacta de ter aberto mais de 60 mercados para os produtos do agronegócio brasileiro. Mas quem já viu a Ministra falar sobre os problemas do abastecimento interno de alimentos? Quando se ouviu da Ministra qualquer manifestação de preocupação sobre a fome? Para a Ministra só interessa o mercado externo e a sua insana luta para perdoar dívidas previdenciárias, de crédito e outras benesses para o agronegócio exportador. Consistente com essa postura, em parceria com o Ministro da Economia, a Ministra simplesmente ignorou a Lei Agrícola Nacional que obriga o governo a manter estoques reguladores e estratégicos de alimentos, e na prática extinguiu essas políticas que eram mantidas até o golpe e que foram fundamentais para conter momentos mais intensos de carestia dos alimentos. A figura abaixo apresenta o quadro dramático dos estoques públicos de alguns alimentos estratégicos, na posição de agosto. Entre todos os produtos, somente o milho tem estoque para atender a indigência de 1 DIA do consumo do produto.

SITUAÇÃO DOS ESTOQUES PÚBLICOS DOS PRINCIPAIS ALIMENTOS

Mês de AGOSTO - CONAB

PRODUTO	POSIÇÃO DOS ESTOQUES - TON	CONSUMO ANO - TON	CONSUMO/DIA - TON
feijão	38,0	3.050.000,0	8.472,2
trigo	3,0	12.000.000,0	333.333,3
milho	183.477,0	61.500.000,0	170.833,0
arroz	623,0	10.600.000,0	29.444,0
farinha de mandioca (não industrial)	125,0	8.400.000,0	23.333,3

Fonte: CONAB – Elaboração própria

Conclusões – em primeiro lugar deveria ser motivo de vergonha para os ruralistas, intelectuais e imprensa do ‘Agro é Pop’, o fazendeiro do mundo não ter condições de alimentar, sem traumas, a população do Brasil. À medida que é pouco provável que isso venha a ocorrer, que o fato seja de alerta para os entusiastas em geral do ‘agronegócio exportador’.

O argumento que transfere para o câmbio a responsabilidade da alta dos preços dos alimentos serve para os desavisados. Claro que o câmbio é atraente para os exportadores, mas o câmbio é alto também para os insumos dos quais o Brasil é altamente dependente. Houve o aumento de 75% nas exportações de arroz no período de janeiro a agosto de 2020, vis a vis o mesmo período de 2019. Foram mais de 500 mil toneladas de aumento nessas importações que obviamente faz falta porque simplesmente o país não tem estoques públicos reguladores e muito menos estratégico. Aliviando as responsabilidades do câmbio, temos que no acumulado de janeiro a agosto, a farinha de trigo teve a variação do respectivo IPCA, de 12%, enquanto o feijão mulatinho, de 32.6%; o feijão preto, de 28.9%; arroz, de 19.25% e a própria farinha de mandioca teve preços elevados em 10%; patamar próximo ao da farinha de trigo.

Em resumo, a carestia dos alimentos resulta de uma conjugação de fatores, mas o fator estruturante que continuará ameaçando o abastecimento alimentar é a hegemonia absoluta do agronegócio exportador, principalmente neste período Bolsonaro onde foram eliminadas as ações de apoio aos setores da agricultura familiar com protagonismo na produção da comida. Para completar, ao ranço político do governo, some-se o neoliberalismo doentio da área econômica que de forma suspeita aposta no mercado de alimentos autoregulável, o que levou à extinção dos estoques de alimentos em afronta ao que determina a Lei Agrícola Nacional.

Mas, logo irão equilibrar o mercado com o corte no auxílio pandemia e o aumento da fome no Brasil.